Commentarium, vol. 2 (2026), pp. 281-283
https://doi.org/10.34640/cjhs2_2026_88

Commentarium
JOURNAL OF HUMANITIES STUDIES
CJHS

CRITICAL REVIEW

José Tolentino Mendonça, *Para os Caminhantes Tudo É Caminho*. Lisboa: Quetzal Editores, 2025. Pp. 200. ISBN 978-989-582-143-3.

João Osvaldo Pereira Andrade

Universidade da Madeira, Portugal
https://orcid.org/0009-0001-0988-6501

O livro *Para os Caminhantes Tudo É Caminho* é a mais recente publicação do cardeal-poeta madeirense José Tolentino Mendonça. A obra, publicada em novembro de 2025 pela Quetzal Editores, contém cento e cinquenta e três textos que abordam diversas temáticas recorrentes nos escritos deste autor, entre as quais destacamos a relação do ser humano com o próprio, com o outro e com o Mundo. Numa era em que emerge um novo panorama digital e em que as novas tecnologias tendem a substituir o contacto humano, Tolentino Mendonça evidencia, na sua escrita, essa falta de contacto e de relação no mundo atual, visando, desta maneira, um retorno à singularidade do ser humano. Num percurso de duzentas páginas, o leitor poderá encontrar um conjunto de reflexões que o levará a compreender que "cada um de nós tem uma forma de caminhar que é singular" (p. 55). A pedagogia de caminho é aqui enaltecida como uma possibilidade de mudança. É, pois, com esse desejo incessante de caminhada e de descoberta que o leitor é convidado a olhar o mundo de um novo modo e a percorrer as bases do 'Eu' e as funduras do 'Outro'. Assim, no âmbito da presente recensão, selecionamos três textos para analisar a dinâmica literária desta obra de José Tolentino Mendonça e procurar entender a sua visão sobre o mundo que o rodeia.

O primeiro texto selecionado tem como título "De que lado está o coração?" (pp. 47-48), remetendo para a fisiologia do corpo humano, pois é de conhecimento geral que o coração se encontra no lado esquerdo. No entanto, o leitor é desafiado a colocar o seu coração noutro sítio, perspetivando uma abertura ao próximo. A questão suscitada pelo título faz transparecer uma "pedagogia de um caminho sempre a tempo de ser redescoberto" (p. 47), estimulando, assim, uma escuta atenta e um acolhimento do outro. Numa realidade em que o indivíduo tende a demonstrar-se intransponível para quebrar essa barreira de relação,

* **CONTACT João Osvaldo Pereira Andrade** Email: 2093620@student.uma.pt

© 2026 The Author(s). Published by *Commentarium: Journal of Humanities Studies*. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), which permits non-commercial re-use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited, and is not altered, transformed, or built upon in any way. The terms on which this article has been published allow the posting of the Accepted Manuscript in a repository by the author(s) or with their consent.

o autor parece concordar que transpor essa margem que acaba por nos separar uns dos outros é algo essencial, pois acredita que "insensato é aquele que ouve apenas o seu coração, alheado ou descrente do que pulsa no peito dos demais" e "sábio é aquele que faz do coração dos outros o seu próprio coração" (p. 47). Portanto, é possível entender que fazer do outro um elemento responsável para a construção do 'Eu' é algo que se encontra implicitamente presente na escrita de Tolentino Mendonça, o que permite demonstrar ao leitor o seu interesse em encurtar distâncias, construir pontes de diálogo e fundar relações com base numa confiança mútua e sem rótulos de validade.

No segundo texto escolhido, que tem como título "Uma aliança entre gerações" (pp. 108-109), José Tolentino Mendonça salienta a importância que o diálogo intergeracional poderá ter no panorama atual. Face a uma crescente vaga de individualização presente no mundo contemporâneo, a capacidade de diálogo entre gerações parece ter perdido o seu espaço. Por isso, de maneira a mitigar este afastamento relacional, o autor propõe a escuta atenta como uma atitude a adotar pelo indivíduo, pois "a questão central [e] que constitui um dos eixos vitais para o futuro das nossas sociedades, é a de saber como as gerações, em vez de se ignorarem e ostracizarem, poderão colocar-se num processo de mútuo reconhecimento" (p. 109). Desta forma, algo que o autor procura realçar é ter em consideração que aprendemos uns com os outros, pois "o ser humano é *homo viator*, isto é, alguém que faz do caminho — e não só da estalagem — o lugar para a construção de si" (p. 108). Este é o trilho proposto para uma conciliação entre o passado e o presente, com vista à construção de um futuro em harmonia. Assim, num tempo em que "entre as gerações há um défice de escuta" (p. 109), o leitor é convocado por José Tolentino Mendonça a trabalhar em prol do bem comum, conciliando a força e a determinação dos mais jovens com a experiência e a sabedoria daqueles que ainda têm muitas histórias para contar.

O último texto selecionado intitula-se "A atualidade do jejum" (p. 150) e inscreve-se numa vertente religiosa. O jejum, conhecido como um ato de penitência na tradição católica, poderá ser visto como uma estratégia para combater uma sociedade que baseia os seus valores no consumo e no desperdício. Na visão de Tolentino Mendonça, o jejum é "uma contestação declarada a uma visão cultural que identifica no consumo a sua promessa de felicidade e que promove essa procura no modo egocêntrico mais básico" (p. 150). A reflexão sobre o jejum pretende convocar um regresso à autenticidade e, do mesmo modo, o distanciamento de uma cultura consumista moderna, trazendo consigo "uma nova qualidade e um novo estilo de relação, afastando-nos quer das práticas predatórias e suas quotidianas insinuações, quer da indiferença determinada pela busca obsidiante do proveito próprio" (p. 150). Logo, o ato de jejuar, que tende a ser visto por esta sociedade como uma prática arcaica e sem valor, parece ganhar um novo sentido no pensamento de Tolentino Mendonça: incita o ser humano a encontrar a autenticidade perante uma cultura de descarte. Nesta realidade em que a "sua organização atual

patrocina o desfrute devorante das fontes do planeta" (p. 150) e que busca uma promessa de felicidade padronizada através do consumo, Tolentino Mendonça sustenta que o jejum não só promove uma economia ecológica, preservando e respeitando a natureza, mas que também fomenta uma ecologia espiritual, que poderá ser vista como a reconciliação do indivíduo com aquilo que desperta do seu interior.

O livro contém ainda um índice onomástico, no qual se reúnem as referências bibliográficas convocadas pelo autor. Por um lado, o recurso a personagens ligadas ao Cristianismo e à tradição religiosa evidencia a dimensão espiritual do trabalho que José Tolentino Mendonça desempenha; por outro lado, a convocação de um conjunto diversificado de autores, entre teóricos e romancistas, reforça a vertente de hermenêutica cultural amplamente evidenciada nas suas publicações. Tal poderá apontar, de certo modo, para a interdisciplinaridade presente na escrita de um autor que revela uma capacidade inata para dialogar com diferentes ideias, correntes de pensamento e perspetivas, defendendo a diversidade como um caminho a seguir no mundo contemporâneo. Desta forma, José Tolentino Mendonça, oriundo de um espaço insular, poderá aproximar-se de Édouard Glissant, também ele de origem insular, quando o escritor francês afirma que "eu posso me transformar ao me relacionar com o outro, sem com isso perder ou diluir minha identidade" (*Conversas do arquipélago*, de Édouard Glissant e Hans Ulrich Obrist, 2023). Assim, é possível observar uma tendência para adquirir um sentimento arquipelágico por parte do autor madeirense, que poderá ser entendido como uma forma de abraço a outras 'ilhas' humanas, e, neste caso particular, ao outro.

A obra apresenta, em suma, um convite a percorrer a realidade contemporânea, não só evidenciando a disponibilidade e a abertura do autor ao diálogo, como também proporcionando uma experiência de maior intimidade e proximidade com o leitor. Num mundo que desafia as relações humanas como nunca, o leitor é chamado a assumir a responsabilidade de contribuir para a construção de um futuro mais harmonioso. Neste sentido, a escrita do autor tende a encaminhar o leitor para a "compreensão de que existe uma herança e que todos, no fundo, somos herdeiros de um bem" (p. 51). Assim, perante uma realidade marcada pela dissonância, José Tolentino Mendonça procura defender um olhar mais atento sobre o próximo e uma reflexão mais profunda sobre o mundo, incentivando o indivíduo a uma descoberta que emerge do interior do 'Eu'.